

Vol 17, Núm1, jan-jun, 2024, pág. 191-208.

A pedagogia não formal e a transmissão de saberes na catação do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) em Caratateua, nordeste paraense, Amazônia (Brasil).

Cleonilson Rosário da Costa
Myrcéia Carolyne Guimarães da Costa
Marcelo do Vale Oliveira
Norma Cristina Vieira

RESUMO

A educação não formal é o mote para reflexões e conclusões acerca de como os saberes são repassados de maneira incontestável por grupos sociais. Para tal afirmação, realizou-se um estudo em que se perscrutou o processo de ensino e aprendizagem de uma determinada atividade utilizando uma “pedagogia própria” – transferida de geração para geração – com seus métodos particulares que fogem à regra do que se considera padrão e formal na educação escolar, também foi realizada análise sobre esta forma de aquisição de conhecimento e fez-se a inter-relação desta com áreas do conhecimento formal-escolar. Assim, verificou-se como a educação não formal favorece a transferência de saberes tradicionais às crianças e adolescentes na prática produtiva da catação do caranguejo-uçá na Vila de Caratateua em Bragança-PA. Nossa finalidade é compreender os significados e a importância dessa forma de vivência da comunidade e como são transmitidos seus saberes e práticas entre gerações. Esta averiguação deu-se a partir da participação no cotidiano da comunidade com entrevistas e observação, considerando suas vivências, sua oralidade e seus instrumentos de trabalho. O que permitiu constatar que os saberes provenientes da experiência cotidiana assumem um importante papel na vida dos sujeitos da comunidade no que diz respeito à educação, ao trabalho, às relações afetivas e à perpetuação da cultura local amazônica.

Palavras-chave: Educação não formal; Caranguejo-uçá; Saberes tradicionais; Catação de caranguejo.

ABSTRACT

Non-formal education is the motto for reflections and conclusions about how knowledge is passed on and acquired unquestionably by social groups. For this assertion, a study was carried out in which the teaching and learning process of a given activity was scrutinized using a “specific pedagogy” – transferred from generation to generation – with its particular methods that deviate from the rule of what is considered standard and formal in education, an analysis was also carried out on this form of knowledge acquisition and its interrelationship with areas of formal-school knowledge was made. Thus, it was verified how non-formal education favors the transfer of traditional knowledge to children and adolescents in the productive practice of collecting uçá-crabs in Vila de Caratateua in Bragança-PA, in order to understand the meanings and importance of this form of education. experience of the community and how its knowledge and practices are transmitted between generations. This investigation took place from the participation in the daily life of the community with interviews and observation, considering their experiences, their orality and their work tools. This made it possible to verify that the knowledge derived from everyday experience plays an important role in the lives of the community's subjects with regard to education, work, affective relationships and the perpetuation of the amazonian local culture.

Keywords: Non-formal education; Uçá crab; Traditional knowledge; Crab hunting.

INTRODUÇÃO

A educação no sentido mais amplo da palavra e, conforme o disposto no artigo 1º da LDB (Lei 9.394/96), compreende os processos formativos que ocorrem no meio social em que os indivíduos são levados a inter-relacionar de modo necessário e (inevitável) pelo simples fato de existirem socialmente (LIBÂNEO, 1994). Para o autor, a educação realiza-se a partir de três diferentes categorias: educação formal, educação informal e educação não formal.

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas com conteúdo previamente demarcado; a educação informal os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, acontecendo geralmente na família, no bairro, no clube, entre amigos; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2006, p. 28). A educação não formal tem intenção, tem técnica, um processo de ensino e de aprendizagem.

Gohn (2009, p.31) chama a atenção para a educação não formal, definindo-a como aquela que:

designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc. (GOHN, 2009, p.31).

Aqui, os processos educativos da pedagogia não formal estão relacionados com os saberes tradicionais locais. Nesse perfil de aprendizagem as crianças e os adolescentes apreendem uma profissão, mas, acima de tudo, são inseridos na cultura da comunidade, incorporando práticas, propósitos e significações, dentro de uma realidade pautada na tradição.

Este artigo visa discutir a educação não formal e de que forma ela contribui para a transmissão dos saberes tradicionais de crianças e adolescentes nas práticas produtivas da catação do caranguejo-uçá na Vila de Caratateua. Esses conhecimentos são construídos em espaço cultural próprio, no sentido de compreender o significado e a importância desse modo de vida do ser humano e como são transmitidos seus saberes entre gerações. “Define-se saber

tradicional como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração” (ARRUDA; DIEGUES, 2001, p. 31). Os saberes da tradição são repassados para as crianças e adolescentes de maneira presencial, não formal, através da observação e a oralidade como instrumentos.

Os conhecimentos oriundos da experiência do dia a dia ganham papel de destaque, surgindo novas maneiras de ver o mundo, Diegues (2004) afirma que “o conhecimento tradicional também fornece uma base de informação crucial para o manejo dos recursos naturais locais, em particular nos países tropicais, onde os dados biológicos raramente estão disponíveis” (p. 31). Na Amazônia, são os conhecimentos da tradição que garantem a existência, a resistência dos povos tradicionais – indígenas, estuarinos, ribeirinhos, extrativistas, por isso a relevância de problematiza-los.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

Compreende a Vila de Caratateua localizada a 16 km da sede do município de Bragança, no estado do Pará, Amazônia brasileira. Faz limite com as localidades do Rio Grande, Taquandeuca e Treme. É banhada pelo Rio Caeté e tem o acesso terrestre por meio da rodovia BR 308, seguido de estrada vicinal à esquerda em aproximadamente 6 km.

É uma comunidade tradicional costeira. Possui características próprias com identidade singular ligada à pesca (peixe, caranguejo e sururu). Suas características ambientais, culturais e identitárias envolvem diversos e complexos de saberes, presentes principalmente nas diversas práticas produtivas ambientais existentes neste ambiente.

A fonte de renda da maioria das famílias da vila tem como base o extrativismo, sobretudo na pesca artesanal de diferentes espécies de moluscos, crustáceos e peixes; além dos auxílios dos programas do Governo Federal (Bolsa família, Seguro Defeso e Bolsa Verde). O setor público existente – escolas, unidade de saúde da família, mercado municipal e cemitério – empregam professores, vigias, auxiliares de serviços gerais, dentre outros profissionais; e os pequenos comércios de gêneros alimentícios, padarias e bares também somam na economia local.

Tipo de estudo

É uma pesquisa social com abordagem qualitativa com pesquisa de campo. Foram aplicadas entrevistas e registros fotográficos, cujo objetivo foi obter informações sobre a cadeia produtiva do caranguejo-uçá e sua relação com a transmissão dos saberes da catação. Além disso, fez-se o levantamento bibliográfico com a literatura das áreas em torno dos temas abordados na pesquisa.

Diversas visitas à comunidade foram realizadas, sempre respeitando os horários dos colaboradores, as entrevistas com as crianças e os adolescentes foram acompanhadas pelos pais e/ou responsáveis. Os adultos tiveram suas entrevistas combinadas com antecedência, a fim de que não atrapalhassem os afazeres dos(as) catadores(as). As entrevistas eram conduzidas através de roteiro de entrevista com perguntas semiestruturadas e também por meios de conversas que, no decorrer das falas espontâneas, eles davam informações sobre o modo de trabalho, seus saberes adquiridos, seus anseios, suas tensões e dados sobre a vivência da comunidade.

Ao longo das visitas, uma vez conquistada a confiança dos(as) catadores(as) e a inserção no cotidiano deles(as), a investigação ganhou mais liberdade, pois eles(as) permitiram mais abertura para que se adentrasse em suas vidas (de trabalho e, até certo ponto, pessoal). De modo que, quando o conteúdo das entrevistas/conversas é interpretado pelos pesquisadores, obtiveram-se elementos da memória coletiva para construir conhecimento sobre a atividade, isto é, alcançou-se a confiança dos (as) catadores(as), e este reconhecimento é que fundamenta a relação de confiança entre os informantes colaboradores e os pesquisadores no campo.

Amostra

A amostra consistiu-se num total de dez famílias da vila de Caratateua que trabalham exclusivamente com o beneficiamento do caranguejo-uçá (catação da massa) para comercialização da produção. Distribuída da forma a seguir: 08 (oito) catadores(as) adultos(as) (07 mulheres e 01 homem); 02 (duas) crianças (até 12 anos) e 08 (oito) adolescentes (até 18 anos). A amostragem é “uma parcela convenientemente selecionada do universo (população); é um subconjunto do universo” (LAKATOS & MARCONI, 2007, p. 225).

Para a seleção das famílias foram utilizados os seguintes critérios: a) que a família trabalhasse com catação de caranguejo-uçá; b) que dentre os membros da família houvesse crianças e/ou adolescentes; c) tempo de trabalho na catação de caranguejo; d) disponibilidade em participar da pesquisa.

Coleta de dados

Para a obtenção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os(as) catadores(as) (crianças, adolescentes e adultos) com a finalidade de coletar informações gerais (família, faixa etária, tempo de trabalho, aprendizagem) e compreender a dinâmica produtiva e os saberes envolvidos na catação do caranguejo-uçá.

Notou-se que ao serem gravados, os entrevistados demonstravam um certo silenciamento, ficando mais à vontade quando a conversa acontecia de maneira espontânea, sem gravações. O não dito, durante as gravações, também é fonte de análise na pesquisa. Dessa forma, fez-se necessário realizar, em determinados momentos, conversas informais, sem gravações, constituindo-se, assim, como a maneira mais apropriada para coletar as informações do grupo pesquisado.

Destaca-se, que as entrevistas na pesquisa qualitativa podem ser de vários tipos, exprimindo um espectro variável, desde uma conversa informal até um roteiro padronizado (SILVA et al.,2006). Nesse sentido, as conversas informais foram fundamentais para a coleta de dados, pois neste universo de saberes que envolvem a catação do caranguejo-uçá a oralidade, muitas vezes, é a única forma de compreender determinadas situações dessa cadeia produtiva.

Além disso, foi realizada a observação direta da cadeia produtiva da catação do caranguejo-uçá, desde a chegada do crustáceo no porto da comunidade, até o momento da entrega do produto beneficiado ao patrão¹.

Ademais, foram realizados registros fotográficos com o propósito de capturar imagens das práticas produtivas da catação do caranguejo-uçá (lugar, ferramentas, utensílios, partes do corpo do caranguejo) e registrar com clareza o processo de aprendizagem das crianças e dos adolescentes nesse ambiente rico de saberes.

Para identificar as famílias, os(as) catadores(as) e as crianças/adolescentes participantes da pesquisa, foram utilizados códigos com a finalidade de preservar suas

¹ Aquele que financia e/ou compra a produção.

identidades, seguindo a ordem: F = família, mais identificação numérica de 1 a 5 para cada família (F1; F2; F3; F4 e F5); C= catadora, mais identificação numérica de 1 a 8 para cada catadora (C1; C2; C3; C4; C5; C6; C7; E C8) e; as letras do alfabeto de A a J para cada criança e adolescente (A, B, C, D, E, F, G, H, I e J).

Análise de dados

A análise dos dados ocorreu por meio da Análise de Discurso (AD), visando compreender os elementos simbólicos da discursividade e sua produção de sentido, relacionando a linguagem, a história e a sociedade presentes nos discursos dos(as) catadores(as) de caranguejo-uçá da comunidade.

O discurso é uma prática social, denotada através de diferentes formas de comunicação, sendo resultante de uma ampla visão do mundo que cerca o indivíduo. “Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social histórico” (ORLANDI, 2003, p. 63).

Nessa perspectiva os dados foram analisados considerando-se a exterioridade dos discursos dos(as) catadores(as) de caranguejo-uçá em um movimento de interpretação do seu contexto social e a reprodução de seus dizeres, levando em conta, diante disso, o momento, o lugar e o meio em que é produzida a sua fala.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A prática produtiva e os saberes da tradição na catação de caranguejo-uçá

Na comunidade de Caratateua, cada família possui suas próprias ferramentas para a catação (pedra, saco, paneiro, rede, entre outros) para realizar o beneficiamento da matéria prima, o que resulta em uma diversidade de interações com o meio e, conseqüentemente, formas diferenciadas de aprender os saberes tradicionais.

A experiência dos membros da comunidade, a partir do trabalho diário das atividades extrativistas, permite a aquisição de conhecimento sobre os recursos naturais disponíveis (ARRUDA e DIEGUES, 2001; ROCHA et al., 2008). Sendo esses conhecimentos repassados entre gerações ainda na infância, pois as crianças compõem a cadeia produtiva da pesca

artesanal do caranguejo-uçá, geralmente auxiliando no processo de catação da massa que é realizada em sua maioria nas residências das famílias.

Não existe uma idade definida para que as crianças e os adolescentes participem das atividades mais complexas na catação do caranguejo, de acordo com sua aprendizagem, eles percorrem várias etapas (1 – puxar dedinho, 2 – quebrar dedinho, 3 – catar cabeça, e 4 – patas grandes) até serem considerados capazes de assumir a função sem auxílio do adulto. A menina, de modo geral, permanece na catação até a fase adulta. O menino, por determinado tempo participa da catação, para ele advém uma nova função dentro do processo do manejo com caranguejo, no final da adolescência ele é designado a ir para o estuário tirar o caranguejo no manguezal, a transição de catador para tirador acontece de acordo com o olhar e a avaliação dos mais experientes, a necessidade da família e a habilidade do jovem.

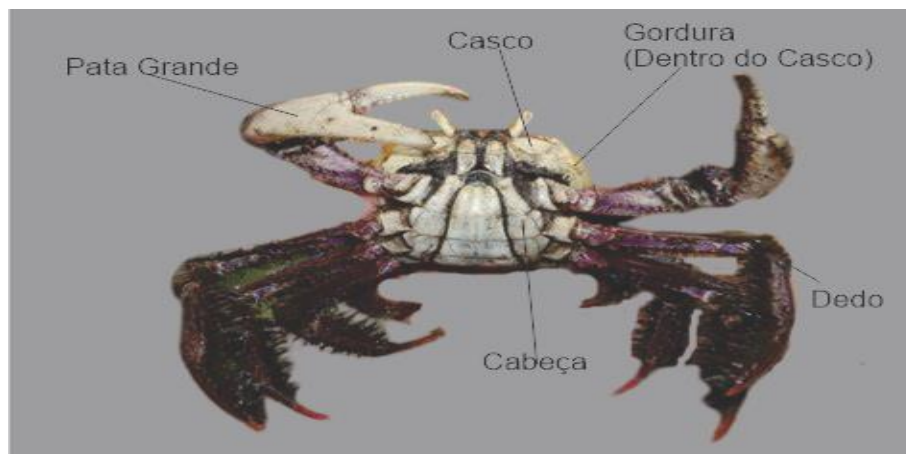


Figura 01 - Caranguejo-uçá e a definição de suas partes a partir dos saberes de uso local.
Fonte: os autores (2022).

As crianças e adolescentes ao iniciarem-se na catação, sentam-se ao redor da mesa e começam a desenvolver as tarefas mais fáceis observando, imitando e, em certos momentos, sendo orientados pelos mais velhos.

Eles vão tirando as patinhas e olhando como a gente faz e, com o tempo, eles já vão batendo pra quebrar e puxando sozinho e assim por diante, por último a cabeça que é mais difícil (C1).

Pode-se inferir deste relato que existe uma metodologia de aprendizagem das técnicas necessárias para que o indivíduo se torne um catador de caranguejo, sendo cada etapa composta por saberes tradicionais, culturalmente apreendidos pelos envolvidos no ambiente.

A catação é realizada nas casas, logo, é o lugar em que crianças e adolescentes estão inseridos, participando e envolvidos nesse ambiente como forma de contribuir para o sustento da família bem como apreender uma maneira de sobrevivência para o futuro, como podemos perceber na fala da C5, *os meninos ficam por aqui, aí a gente chama de vez em quando pra ajudar a gente, até pra aprenderem a fazer, caso eles não consigam trabalho, saberão catar caranguejo.*

Vários são os saberes envolvidos nesse cenário de maneira transdisciplinar (geografia, matemática, ciências, português, só para citar alguns). Será feito a seguir um movimento, um exercício de compatibilidade entre os aprendizados locais oriundos da cadeia produtiva da catação com algumas áreas do conhecimento do currículo escolar.

O momento em que a catadora vai buscar o caranguejo-uçá na orla da comunidade é o primeiro passo da catação. Percebe-se que esta atividade é acompanhada pelas crianças e adolescentes também, até porque, em algumas situações, as mães não têm com quem deixá-los.

Para saber o horário de buscar o produto, faz-se necessário o conhecimento sobre a movimentação da maré, *logo que chegamos à orla, a água está lá embaixo e com o passar do tempo ela vem subindo até a borda do rio, tendo um período que sobe mais que outro, depende das fases da lua*, relata a catadora C5. Diante disso, constata-se que as fases da lua e o ciclo das marés são temas debatidos nesse contexto, de cujo processo as crianças e adolescentes obtêm conhecimento.

Com a chegada dos tiradores no porto é realizada a distribuição dos caranguejos. Para esta ação é utilizada como unidade de medida o *paneiro*² que, de acordo com os(as) catadores(as), são depositados os crustáceos até enchê-lo, deve-se ainda ir batendo e empurrando o caranguejo com a finalidade de caber mais e assim terem a possibilidade de obterem lucros maiores com a catação. Nesse caso, a matemática está presente por meio das unidades de medida, noção de quantidade e lucro.

Ao chegarem às suas residências, é feita a limpeza do caranguejo, momento este vivenciado nas observações da pesquisa. Aqui, geralmente são verbalizadas as condições do produto, o tamanho, o possível rendimento de massa e de pata, se está bom para catar ou não, são vários saberes envolvidos, relacionados às disciplinas escolares de forma interdisciplinar.

² Recipiente ao qual são acomodados os caranguejos pescados.

Ao colocar o crustáceo para o cozimento se faz necessário realizar o cálculo da quantidade de sal, momento em que é feita uma proporção, de acordo com a quantidade de caranguejo-uçá. Para 1 paneiro, ½ kg de sal aproximadamente, são utilizados punhados de sal para temperar o produto. As crianças e os adolescentes observam esta tarefa em seu dia-a-dia consolidando, pois, o processo de aprendizagem.

O controle do tempo para a produção faz com que a catadora cumpra suas atividades de catação até um determinado horário da noite, caso não seja possível concluir a catação de caranguejo-uçá cozido do dia, estipula-se um horário para acordar e retornar com a catação no dia seguinte, sem prejuízo para a finalização do processo, haja vista que a carne do crustáceo é bastante perecível. Essa compreensão do tempo relacionada ao trabalho, ao recurso da natureza, são saberes da tradição sobre horários, sazonalidade, tempo, previsão, a morfologia das espécies e muitos outros conhecimentos envolvidos.

Durante a catação, muitas histórias são contadas, principalmente pelos mais velhos. São mitos, aventuras, de como era no passado em comparação com a atualidade, dificuldades na captura do caranguejo-uçá, lixo e muitos outros assuntos. São vários temas que envolvem Português, Matemática, Física, Ciências, História, Filosofia e Sociologia, pautados no etnoconhecimento. Vale destacar, é a ciência que classifica esses conhecimentos a partir dessas áreas, para os povos da tradição o conhecimento se organiza de maneira complexa, transdisciplinar, e assim é repassado e aprendido. Para Diegues (2000), o etnocentrismo predominante na construção do conhecimento científico, não favorece o reconhecimento dos sistemas de saberes organizados de outras culturas.

São relações de convivência na comunidade que se firmam pelo parentesco, convívio adjacente e benquerença, sendo “tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto, será entendido como a vida em comunidade” (TÖNNIES, 1947, p.35). A materialização das relações sociais, modos de vida e formas de gerir os recursos sociais acontece nesse ambiente de comunidade, possuindo "um modelo particular de gestão dos recursos naturais e de organização social" (CHAVES, 2001, p. 77).

É explícita a significativa importância da cultura nesse cenário de comunidades tradicionais, pois os eventos históricos que enfrentam são determinantes para definir o caminho que cada comunidade segue.

Capturar um caranguejo, limpar, cozinhar, catar, conhecer o ciclo da maré, dos melhores lugares e épocas para pescar, são tarefas realizadas por pessoas que detêm um vasto

conhecimento sobre a pesca artesanal. São saberes tradicionais necessários para a manutenção da essência da comunidade, tornando-se propriedade intelectual com imenso valor para a cultura do lugar e primordial para que as futuras gerações garantam a perpetuação desses saberes fundamentais para a educação, para o trabalho e, por conseguinte, para a vida na Amazônia.

A catação acontece nas casas dos(as) catadores(as), em geral nos quintais, em um lugar específico para esse serviço, geralmente em uma barraca (fig. 2) atrelada a casa com cobertura de telhas ou palhas sem paredes, mobiliada com uma mesa e bancos em madeira.



Figura 02 - Barraca utilizada para catar caranguejo-uçá
Fonte: os autores (2022).

No interior da barraca ou em suas proximidades é organizado um espaço para a lavagem do caranguejo, geralmente em um jirau³ ou espaços construídos de tijolos/concreto para tal finalidade.

³ **JIRAU** - Estrado a meia altura que serve para lavar louça ou roupa. Serve também como apoio para diversas utilidades domésticas em comunidades tradicionais. Disponível em:
<https://www.dicionarioinformal.com.br/jirau/>



Figura 03- Ferramentas utilizadas para catação
Fonte: os autores (2022).

Após a lavagem, o caranguejo-uçá é embalado nos “sacos de cebola” e colocado em um recipiente grande de ferro ou alumínio denominado pelos(as) catadores(as) de “camburão” (fig. 19), sendo submerso em água fervente temperada somente com sal. O cozimento do caranguejo-uçá é realizado no fogo a lenha, geralmente o “camburão” é colocado em cima de tijolos no chão, *assim fica melhor para retirar quando estiver cozido* (C1). Para todo o processo produtivo a família é a unidade de produção.

A pedagogia não formal na catação de caranguejo: saberes, afetividade e aprendizado

Desde muito cedo as crianças e os adolescentes aprendem com os familiares sobre as questões ambientais e suas funções dentro do contexto da catação de caranguejo. O horário da maré, por exemplo, é regularmente acompanhado para possibilitar o deslocamento para a efetivação da pesca do caranguejo-uçá. Paralelo ao tempo da maré, os moradores de Caratateua vão aprendendo a necessidade de preservar os recursos naturais a fim de que haja a permanente reconstituição de tais recursos. Técnicas tradicionais de uso e manejo do ambiente, localização da captura, entre outros ensinamentos do dia-a-dia permitem que os moradores se relacionam com a natureza e com seu tempo.

Este modelo de preservação tem características do etnoconservacionismo que, de acordo com Diegues (2000, p. 41-42), configura-se como “a necessidade de se construir uma aliança entre o homem e a natureza, baseada na importância das comunidades tradicionais indígenas e não-indígenas nesse tipo de conservação das matas e outros ecossistemas presentes nos territórios em que habitam”.

São saberes tradicionais apreendidos por crianças e adolescentes neste universo da catação do caranguejo-uçá através da educação não formal visto que “a educação não formal tem um espaço próprio, a questão da formação da cidadania, de uma cultura cidadã, da emancipação, da humanização” (GOHN, 2016), vivificados na conjuntura de vida destas crianças e adolescentes.

Nesse contexto, de acordo com Vieira (2015), existem formas de colaboração entre todos os seus membros, relacionando-se diretamente com a organização da comunidade, a qual é fortemente marcada por laços de parentescos mais distantes (primos/primas, tios/tias, sobrinhos/sobrinhas, vizinhos/vizinhas, comadres/compadres).

Os termos “pai”, “mãe”, “filho”, “irmão”, “tio”, são comuns nessa relação de trabalho na pesca e no processamento do caranguejo-uçá, são elementos encontrados nos discursos observados no dia a dia da comunidade, o que nos leva a refletir como os repasses dos saberes tradicionais nesse contexto familiar ainda se sobressaem nesse ambiente da pesca. O termo “tradicional” relaciona-se a este universo através da dinâmica de como esse saber é apreendido e de que forma é utilizado, não sendo necessariamente considerado o conhecimento originado (CUNHA, 1999), ou seja, os mais experientes são responsáveis por compartilhar desde cedo entre a família seus ensinamentos, participando todo o grupo familiar (homens, mulheres, crianças e adolescentes) o que caracteriza a “reprodução social” (ALBUQUERQUE, 2016) das técnicas de manejo e processamento do caranguejo, fonte de renda e de sobrevivência da maioria das famílias de Caratateua.

No ambiente da pesca artesanal, especificamente na catação do caranguejo-uçá, entende-se como reprodução social, tanto em função das condições objetivas (trabalho, renda, alimentação) quanto de estruturas simbólicas das relações dos pescadores com os ambientes naturais, a cultura local e os modos de saber-fazer das comunidades pesqueiras (SAMAJA, 2000; PASCOTTO, 2005).

Existe uma dependência direta da comunidade com os recursos naturais para sua sobrevivência social, econômica e cultural, fazendo com que os grupos origem diferentes formas de viver, indo além da dimensão econômica, tornando-se um elemento importantíssimo para as dinâmicas societárias (DIEGUES, 2004).

Em todas as etapas da pesca de caranguejo-uçá, sobretudo na etapa de pós-captura (limpeza, esartejamento, cozimento e retirada da polpa do caranguejo) a reprodução social acontece por uma questão de sobrevivência e de sustento da família e o ensinamento de uma

profissão. Existem aqui várias dimensões envolvidas que se coadunam: identitárias, simbólicas, enquanto modo de vida produtiva, política, histórica, cultural, sociológica entre outras; e que são socializadas pelas práticas e discursos para as gerações mais jovens.

Os hábitos diários de homens e mulheres, crianças e adolescentes são relacionados à produção e captura de produtos alimentares, sendo fundamental para o sistema de alimentação local (MURRIETA, 1998) e para a sobrevivência dos grupos sociais da Amazônia.

Difícilmente os/as catadores/as realizam a catação de forma isolada, geralmente se juntam em duplas para executar o trabalho (irmãs, primas, mãe e filha, entre outras), sendo o lucro da venda da massa e da pata de caranguejo repartido, igualmente, com as envolvidas na atividade no final da semana. Nesse ambiente, juntam-se as crianças e os adolescentes que, apesar de fazerem parte da cadeia produtiva, não são consideradas ainda catadores(as) e por isso não entram na distribuição de lucros. Elas são vistas como aprendizes.

A C1 diz que *o momento da catação do caranguejo acaba sendo um momento que serve para conversarem sobre tudo, inclusive sobre a vida dos outros* (relata em tom de brincadeira e risos). Percebe-se com isso um ambiente familiar marcado por afetividade nesse universo da pesca artesanal, visto que o trabalho também está inserido no ambiente doméstico e no lazer da comunidade, sobretudo das mulheres, aqui “o afeto é que conjuga” (BARROS, 2002, p. 09), com a integração de atividades de outras ordens na prática de trabalho agregado ao ambiente familiar, não tendo, pois, contornos definidos de onde termina o trabalho e começam a vida em família e o lazer.

As crianças e os adolescentes iniciam-se muito cedo no contexto da pesca, acompanham seus pais nesse processo, sendo inseridos em um universo de saberes tradicionais que servirão de base para sua formação como sujeitos nas atividades da pesca, os quais assimilam a aprendizagem necessária para dar continuidade na prática produtiva da pesca – pré captura, captura, pós-captura e nos modos de vida local.

A inserção dos meninos e das meninas no ambiente da pesca artesanal possui uma perspectiva cultural com fins de aprendizado. São repasses de saberes tradicionais realizados com a prática, não sendo, portanto, considerados, localmente, como trabalho infantil. De acordo com o Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentáveis dos povos e comunidades tradicionais, esses grupamentos humanos são (art. 3.ºI):

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam

territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007)

Neste universo da pesca artesanal, destaca-se o conhecimento local, reconhecido como integrante da cultura de determinadas áreas, repassado entre as gerações, singularmente, através da linguagem oral, dos gestos e das atitudes (GONDIM, 2007). Tais conhecimentos são fontes de informações e instrumentos de percepção do meio no qual esses indivíduos estão inseridos, a fazer com que as crianças e os adolescentes deem um sentido ao conhecimento, possibilitando a valorização do meio em que vivem.

O indivíduo assimila conhecimentos provenientes de suas experiências com a finalidade de desenvolver suas potencialidades, sendo frutos das relações do indivíduo com o meio ambiente e convívio social, acontecendo a todo o momento em variados lugares como no seio familiar, na escola, no futebol, em uma roda de conversa com amigos, dentre outros.

A pedagogia não formal, aquela que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas (GOHN, 2014), possui pouca visibilidade e valorização social. Prática esta que detém substancial importância quando concebida em atividades que possibilitam agendas culturais, relações de trocas de vivências, relação de trabalho e outras atividades educacionais.

A troca de experiências, geralmente entre mãe e filhos, entre as gerações mais velhas com as mais novas, através da relação de trabalho na catação é fundamental para a sobrevivência na comunidade, um ambiente que reverbera saberes tradicionais apreendidos na prática, com a experiência e uso da linguagem oral e corporal.

De acordo com Gohn (2009, p. 31) a “educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação, porque não são processos escolarizáveis”. Daí a invisibilidade dessa forma de educar e dos/as trabalhadores/as que aprendem fora da escola a conhecer a natureza, seu território, outros saberes sobre a vida amazônica, sobre o mundo.

Nesse cenário a educação deve ser compreendida de forma mais ampla, entendida como uma prática social de formação cultural e humana de indivíduos e grupos sociais, no caso dos(as) catadores(as), é fonte da sobrevivência, de cultura e identidade de um povo através da transmissão de saberes tradicionais entre gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao conhecer os processos que envolvem a catação do caranguejo-uçá e vivenciar o cotidiano dos(as) catadores(as) do crustáceo em Caratateua, observamos como a educação não formal se faz presente e eficaz na transmissão dos saberes em torno desta atividade que é repassada de geração para geração com papéis bem definidos, como em relação ao gênero e ao etarismo. Saberes que são ensinados pela prática sob a supervisão dos mais experientes (relação intergeracional), pode-se, então, considerar que se trata de conhecimentos simples e complexos simultaneamente, visto que são oriundos da prática cotidiana com a natureza.

No ambiente onde ocorre a catação do caranguejo perpassam elementos que são para além do trabalho, compreendem relações familiares, afetivas, de cuidados (dos mais velhos para com as crianças) e tudo isso envolve o elemento humano. O que se pôde extrair e analisar da convivência na comunidade constitui, então, o saber compartilhado pelos agentes da pesquisa em relação aos saberes da catação de caranguejo-uçá.

Assim, este saber coletivo influencia diretamente a vida cotidiana dos moradores, de maneira que a organização social da vila de Caratateua é fortemente ligada à atividade de catação; e a existência e continuação desta atividade depende do processo de ensino e aprendizagem realizado dos mais velhos para os mais jovens por meio da eficiente educação não formal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa (Org.). **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais**. Belém: EDUEPA, 2016.

ARRUDA, R. S. V; DIEGUES, A. C. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília/São Paulo: Ministério do Meio Ambiente/USP, 2001.

BARROS, S. R. de. **A ideologia do afeto**. Revista Brasileira de Direito de Família. Porto Alegre: Síntese e IBDFAM, v. 4, n. 14, p. 5-10, jul./set. 2002.

BRASIL. **Decreto n.º 6040**, de 7 de fevereiro de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm.

CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma**

Agrária Iporá. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Populações tradicionais e a convenção da diversidade biológica**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 13, n. 36, p. 147-163, mai. /agosto. 1999.

DIEGUES, A. C. **A Pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.

DIEGUES, A. C. (org.). **Saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: USP, 2000.

GOHN, M. G. M. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006

GOHN, M. G. M. **Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social**. Meta: Avaliação, v. 1, n. 1, p. 28-43, Rio de Janeiro, 2009.

GOHN, M. G. M. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. In Investigar em Educação - II^a Série, Número 1, pág. 35-50, 2014.

GOHN, M. G. M. **Educação não formal nas instituições sociais**. Pedagógica v.18, n°. 39, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>>. Acesso em: 11/07/2020.

GONDIM, M. S. C. **A inter-relação entre saberes científicos e saberes populares na escola: uma proposta interdisciplinar baseada em saberes das artesãs do Triângulo Mineiro**. 2007. 174 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MURRIETA, R.S.S. **O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v. 41, n. 1, p. 97-150, 1998.

ORLANDI, Eni. P. **O que é linguística**. São Paulo. Brasiliense, 2003.

PASCOTTO, V. F. **Pesca artesanal no Rio Grande do Sul: os pescadores de São Lourenço do Sul e suas estratégias de reprodução social**. 2014. 166 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROCHA, M.S.P.; MOURÃO, J.S.; SOUTO, W.M.S.; BARBOZA, R.R.D.; ALVES, R.R.N. **O uso dos recursos pesqueiros no estuário do rio Mamanguape, estado da Paraíba, Brasil.** Interciência, 33(12). 2008, 903-909.

SAMAJA, J. **A reprodução social e a saúde: elementos metodológicos sobre a questão das relações entre saúde e condições de vida.** Salvador: Casa da Qualidade Editora, 2000. 103 p.

SILVA, G. R. F. et al. **Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa.** Online Braz. J. Nurs. v. 5, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br//index.php/nursing/article/view/382/88>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y sociedad* Buenos Aires: Editorial Losada, 1947.

VIEIRA, N. C.; SIQUEIRA, D.; GOMES, M.; EVER, M. **Trabalho e gênero em comunidades extrativistas da costa paraense.** Caderno Espaço Feminino, V. 28, n. 1, p. 233 – 252, 2015.

Recebido : 09 de fevereiro de 2023.

Aprovado: 30 de novembro de 2023.

Publicado: 1 de janeiro de 2024.

Autoria:

Autor 1: Cleonilson Rosário da Costa

Instituição: Rede Estadual de Ensino (SEDUC/PA-Bragança) e Rede Municipal de Ensino (SEMED/Bragança)

E-mail: prof.nilsoncosta1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-4221-2040>

País: Brasil

Autor 2: Myrcéia Carolyne Guimarães da Costa

Instituição: Instituto Federal do Pará (IFPA/Campus Bragança).

E-mail: myrceia.costa@ifpa.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1772-346X>

País: Brasil

Autor 3: Marcelo do Vale Oliveira

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA- Campus de Bragança)

E-mail: marcelomvo@ufpa.br

Orcid:

País: Brasil

Autor 4: Norma Cristina Vieira

Instituição: Universidade Federal do Pará (UFPA- Campus de Bragança)

E-mail: normacosta@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2618-3346>

País: Brasil